

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 6 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2017

## O GIGANTE QUE DORME – A TRAJETÓRIA DO MISSIONÁRIO BATISTA WILLIAM BUCK BAGBY NO BRASIL

The giant who sleeps - the trajectory of the baptist missionary William Buck Bagby in Brazil

*Me. Josemar Valdir Modes<sup>1</sup>*

### RESUMO

O trabalho biográfico a seguir mostra que o avanço dos batistas em solo brasileiro teve início através de William Buck Bagby e da sua esposa Anne Luther Bagby, que dedicaram a sua vida a este País, trabalhando nele por um período de 58 anos. Neste período plantaram igrejas, estabeleceram escolas e auxiliaram na criação da Convenção Batista Brasileira, bem como de alguns de seus órgãos.

**Palavras-chaves:** Missionário. Brasil. Igreja.

---

<sup>1</sup>Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é membro da Comissão Consultiva da Revista Ensaios Teológicos da Faculdade. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

## ABSTRACT

The following biographical work shows that the advancement of Baptists on Brazilian soil began through William Buck Bagby and his wife Anne Luther Bagby, who dedicated their lives to this country, working on it for a period of 58 years. In this period they planted churches, established schools and assisted in the creation of the Brazilian Baptist Convention, as well as some of its departments.

**Keywords:** Missionary. Brazil. Church.

## INTRODUÇÃO

A história da denominação batista em solo brasileiro, com seus desdobramentos e expansão, deve muito ao missionário William Buck Bagby. Ele foi um dos primeiros missionários batistas a trabalhar no Brasil sendo, entre os primeiros, nome de destaque por originar muitas das igrejas e instituições históricas da Convenção Batista Brasileira.

A partir de referências bibliográficas produzidas pelos batistas com o intuito de preservar a sua história, bem como de material preservado por familiares, é que se fará este estudo biográfico. Muito se escreveu sobre os Bagby e muitos registros pessoais foram preservados. Neste estudo se fará uma triagem do material, destacando apenas alguns destes registros.

O que salta aos olhos desde o início é a característica da cooperação, um dos grandes ideais batistas, presente em toda a trajetória de missões e da própria denominação. Não há como falar deste grande missionário sem mencionar a sua esposa, que foi a primeira a ter a vocação para o Brasil e que se preocupou em registrar grande parte da história missionária desta família. Outros nomes como o General Hawthorne, o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque e o colega missionário Zacarias Clay Taylor também foram extremamente importantes para os resultados a que chegou Bagby. Trabalho conjunto é a marca dos batistas em sua história no Brasil.

Bagby é o perfeito relato acerca do missionário que se apaixona por um campo apenas, e a ele dedica a sua vida. Veio ao Brasil para permanecer nele. Aqui teve as suas maiores alegrias, como também maiores desafios, entre eles a morte de alguns de seus filhos; trabalhou até os últimos dias da sua vida, vindo a ser enterrado num cemitério da cidade de Porto Alegre, onde passou a auxiliar nos trabalhos desenvolvidos pela sua filha.

A história dos Bagby ressalta os desafios do campo, as perseguições que sofrem os missionários, as alegrias que experimentam em trabalhar com os outros, a importância que deram ao ensino em termos gerais como também bíblico, a influência que tiveram aqueles que trabalham nos bastidores, o destaque ao trabalho da mulher, e, principalmente, a preservação de um testemunho de vida intacto, marcado por uma família de missionários com o coração no campo, inteiramente dedicada ao Senhor. Ler sobre esta história é comovente, faz ver o trabalho dos batistas e também torna os batistas mais batistas.

## 1. A PREPARAÇÃO PARA O CAMPO MISSIONÁRIO

### 1.1 NASCIMENTO E CRIAÇÃO

A família Bagby tinha todos os traços de uma família típica do Sul dos EUA. “James e Mary Franklin, seus pais, eram proprietários de terras e escravos. William Buck Bagby nasceu em cinco de novembro de 1855, numa fazenda do Texas, e o seu nascimento foi anunciado à família por uma escrava, [...] que trabalhava para seus genitores,”<sup>2</sup> dizendo: “D. Maria já tem um bebê e não é João, nem tão pouco Maria, mas é um William.”<sup>3</sup> Seus pais se deslocaram do Kentucky para o Texas com outras três famílias em busca de novas terras. Se estabeleceram em uma fazenda, denominando o lugar de *Prairie Home*.<sup>4</sup>

A disciplina doméstica vigorava no lar dos Bagby. Alguns registros mostram que ele era um menino muito inteligente e, como cresceu em meio ao campo, sabia muito sobre os animais que viviam nos arredores da residência de seus pais. Sabia o nome de todos os pássaros que rondavam a sua casa, bem como os costumes dos animais que havia por perto.<sup>5</sup> Com cinco anos apenas, ingressou na escola que ficava há três léguas de sua casa, e teve como disciplinas preferidas Geografia e História. Seu ingresso precoce na escola se deu pela vontade de estar com os amigos dos seus irmãos.<sup>6</sup> A América do Sul o

<sup>2</sup> SILVA, Elizete da. **William Buck Bagby**: um pioneiro batista nas terras do Cruzeiro do Sul. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011, p. 10-12.

<sup>3</sup> HARRISON, Helena Bagby. **O gigante que dorme**: biografia de William B. Bagby do Brasil. Série Heróis Cristãos II. Rio de Janeiro: CPB, 1947, p. 4.

<sup>4</sup> HARRISON, Helen Bagby. **Os bagby do Brasil**: uma contribuição para o estudo dos primórdios batistas em terras brasileiras. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 9.

<sup>5</sup> HARRISON, 1947, p. 4.

<sup>6</sup> HARRISON, 1947, p. 4.

impressionava. Em seu anseio de menino deseja conhecer esta parte do globo sobre a qual ainda não se tinha muitas informações.<sup>7</sup>

A escola que frequentava era da família. Sua tia Maria Buck era a encarregada de passar os ensinamentos aos alunos. Juntamente com seus irmãos mais velhos, William Buck Bagby estudou nesta escola.<sup>8</sup> A grande maioria de seus colegas eram índios da região, uma vez que poucos imigrantes haviam chegado a este lugar. Os alunos, em sua maioria, vinham descalços para a escola, apontando para esta diferença cultural existente entre os que eram naturais do lugar e os que haviam se estabelecido.<sup>9</sup>

Aos 12 anos de idade, William aceitou Jesus Cristo como seu Salvador e foi batizado. Pouco tempo depois, confessou sentir a chamada de Deus para o ministério.<sup>10</sup> Sua mãe exerceu grande influência sobre a sua vida. Nas noites de inverno ela se encarregava de contar aos seus filhos as histórias bíblicas, estando todos sentados ao redor da lareira.<sup>11</sup> Estes ensinamentos tomavam a sua mente e na sua infância sonhava em ser pastor. Era comum vê-lo brincando de pastor, pregando no galinheiro de sua casa ao seu público de espectadoras: as galinhas da família.<sup>12</sup>

Como família, não deixavam de participar ativamente dos cultos de sua igreja, que era a Primeira Igreja Batista no Texas, que tinha como pastor o Dr. Rufus C. Burleson<sup>13</sup>, presidente da nova Universidade de Baylor, onde William formou-se mais tarde.<sup>14</sup>

O período de estabelecimento da família na nova terra e a infância de William se deram em circunstâncias bem adversas. Boa parte do território em colonização era marcado por matas densas e fechadas, habitadas pelos índios comanches que muitas vezes atacavam os colonos, porque estes não poucas

<sup>7</sup> UFMBB. **O gigante que dorme**: biografia de William Buck Bagby. Série missionária heróis cristãos. Rio de Janeiro: UFMBB, [199?], p. 3-6.

<sup>8</sup> SILVA, 2011, p. 10-12.

<sup>9</sup> HARRISON, 1987, p. 9.

<sup>10</sup> UFMBB. [199?], p. 3-6.

<sup>11</sup> UFMBB. [199?], p. 3-6.

<sup>12</sup> HARRISON, 1987, p. 9.

<sup>13</sup> RUFUS C. BURLESON chegou a cidade de Waco, uma cidade do Texas, em 1861, para servir como presidente da Universidade de Waco. Ele aceitou o chamado da congregação e começou seu pastorado em 1º de janeiro de 1862. Ele manteve sua associação com a Universidade, além de deveres como capelão das forças confederadas durante a guerra. Por causa dessas responsabilidades, seu serviço à congregação de Waco foi esporádico até 1871. Era uma figura popular e carismática. In.: PEREIRA, José dos Reis. **História dos batistas no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001, p. 73.

<sup>14</sup> UFMBB. [199?], p. 3-6.

vezes avançavam os limites estabelecidos, tomando dos índios seu bem mais precioso: a terra. O cenário é envolto pela conquista do Oeste, que o cinema retrata através dos filmes que enaltecem a figura do caubói.<sup>15</sup>

Contradições sociais e políticas também marcam o período, onde os estados do Norte e os estados do Sul estavam em oposição, ao ponto de lutarem entre si. A própria questão econômica, como também o desenvolvimento industrial, auxiliaram no abismo existente entre os dois extremos: o norte se tornava cada vez mais industrial e o Sul predominantemente agrário. Por ser agrário e com gigantescas plantações, o Sul dependia quase que inteiramente do trabalho escravo para se manter. E foi a forma diferente de pensar acerca da escravidão que alavancou a guerra entre os Estados do Norte com os do Sul nos anos de 1861-1865. O resultado da guerra foi a abolição da escravidão e a vitória esmagadora do Norte dos Estados Unidos sobre os Estados do Sul. Este conflito foi designado como a Guerra de Secessão ou Guerra Civil e teve desdobramentos importantes para a presença dos batistas no Brasil.<sup>16</sup>

Este menino aprendeu desde cedo o que é enfrentar os desafios à sua volta, como também teve em seus pais toda a base necessária para a sua estruturação espiritual e o despertar de seu ímpeto exploratório e aventureiro, necessário para os empreendimentos missionários que Deus tinha reservado para a sua vida.

## **1.2 FORMAÇÃO ACADÊMICA E MINISTERIAL**

Bagby se matriculou na universidade dirigida pelo seu pastor, o Dr. Rufus Burleson, sendo o primeiro aluno do Departamento de Teologia da Universidade.<sup>17</sup> A sua chamada para o ministério ocorreu muito antes, na sua adolescência ainda. O período de estudos de Bagby, na segunda metade do século dezenove, foi marcado por um grande avivamento espiritual nas diferentes denominações cristãs da América do Norte. Este despertar teve impacto principalmente entre os jovens das igrejas, levando-os a se decidirem pelos ministérios, consagrando as suas vidas ao serviço missionário e pastoral, despertar este que teve também significativo impacto sobre a sua vida, confirmando seus sonhos de criança.

<sup>15</sup> SILVA, 2011, p. 10-12.

<sup>16</sup> SILVA, 2011, p. 10-12.

<sup>17</sup> PEREIRA, 2001, p. 73.

Graduou-se em teologia, em 1875, aos 20 anos, sob a orientação acadêmica do Dr. Benajah H. Carroll<sup>18</sup>. Durante o primeiro ano após a sua formatura, trabalhou numa pequena fazenda de parentes. Neste tempo conseguiu a sua licença para pregar – uma necessidade para os que desejavam anunciar a Palavra de Deus – e tornou-se então professor em diversas cidades, dando destaque em suas falas à Escola Bíblica Dominical, um dos seus principais interesses.<sup>19</sup>

Quando foi consagrado ao ministério, Bagby tornou-se pastor de uma comunidade batista no Texas, sendo ao mesmo tempo “professor de uma escola pública e de uma escola anexa ao templo. Os empreendimentos escolares vinculados às comunidades religiosas eram uma tradição da Reforma Protestante que os batistas conservaram nos Estados Unidos e também no Brasil, posteriormente”.<sup>20</sup>

### 1.3 O ENCONTRO PROVIDENCIAL COM ANNE LUTHER

Seu interesse pela Escola Bíblica Dominical também lhe trouxe outro interesse especial: a vontade de conhecer e se casar com Anne Luther. Foi num Congresso de Escolas Bíblicas Dominicais que ele se encontrou com esta jovem, filha de pastor, que foi importante em toda a sua trajetória ministerial, principalmente na escolha do Brasil como seu campo missionário.<sup>21</sup>

Anne nasceu em Kansas City, Missouri, em 20 de março de 1858. Filha do pastor, pregador, escritor e diretor do jornal *Central Baptist*, John Hill Luther,<sup>22</sup> com sua esposa Anne, que recebera o nome dos seus pais em homenagem à primeira missionária batista à Birmânia, Anne Hasseltine Judson. Como prova do seu amor pela sua esposa, Luther deu à sua segunda filha (a primeira filha do casal falecera dois anos antes) o nome da esposa, externando o desejo de que ela fosse missionária aos moldes de Anne Judson.

<sup>18</sup> CARROLL era um líder denominacional na Convenção Geral Batista do Texas (da qual ele era um dos principais fundadores) e a Convenção Batista do Sul. Ele liderou a fundação do *Southwestern Baptist Theological Seminary* em Fort Worth, Texas, em 1908, que se mudou de Waco para Fort Worth em 1910. Ele serviu como presidente do seminário até sua morte. Publicou 33 volumes de obras e é mais conhecido por seu comentário de 17 volumes: *A Interpretation of the English Bible*. In.: CRISP, Michael. B. H. Carroll—Remembering His Life Expanding His Legacy. *Southwestern Journal of Theology*, v. 58 n.2, ano 2016, passim.

<sup>19</sup> PEREIRA, 2001, p. 73-74.

<sup>20</sup> SILVA, 2011, p. 14.

<sup>21</sup> PEREIRA, 2001, p. 74.

<sup>22</sup> PEREIRA, 2001, p. 74.

O próprio Luther tinha vocação missionária e, na sua juventude, almejou ir para a África, mas seu pai o impediu, dizendo que poderia servir à Deus onde ele estava.<sup>23</sup>

Aos onze anos Anne teve a sua experiência de conversão. Durante aquele ano buscou a Deus diariamente, indo a um quarto desocupado para ler a Bíblia e orar, buscando a aprovação de Deus. Quando a convicção lhe veio, pediu imediatamente o batismo. Seus pais relutaram, pois ela não estava bem de saúde e argumentaram que, se fosse batizada no rio, que ainda estava na fase de degelo, morreria imediatamente. Ela reagiu dizendo que este argumento era fraco demais para um mandamento tão forte como o do batismo.<sup>24</sup> Obedecer à Cristo não a mataria. Foi então batizada pelo próprio pai no rio Mississippi e,<sup>25</sup> ao sair da água, um diácono a enrolou numa coberta e levou imediatamente para casa.<sup>26</sup>

Até os onze anos de idade, Anne estudou em casa com seus pais. Depois fez um curso secundário, ingressou na universidade e especializou-se para o magistério.<sup>27</sup> Foi na universidade que Deus tocou seu coração para missões. Ela tinha quinze anos apenas na época, quando ouviu a pregação de um missionário que estava na África servindo a Deus. Dentre os lugares que ocupavam sua mente destacava-se a Birmânia, tendo em vista o nome que recebeu e a forma carinhosa como era chamada em sua casa: Ann, aos moldes da missionária Anne Judson. Lutou muito com Deus acerca da sua vocação e a plena paz só pode ser sentida por ela quando decidiu se entregar ao chamado missionário.<sup>28</sup>

Quando tinha dezoito anos, seu pai recebeu o convite de pastorear a igreja de Galveston, no Texas. Ela gostava muito de música e se tornou a organista da igreja. Gostava também das crianças, o que tinha ligação com a sua área de estudo, e também com o seu envolvimento na Escola Bíblica Dominical.<sup>29</sup>

Foi seu apego à Escola Bíblica Dominical que fez com que ela participasse de uma delegação convidada a estar no primeiro Congresso de Escolas Bíblicas

<sup>23</sup> MATHEWS, Ruth Ferreira. **Ana Bagby, a pioneira**. Rio de Janeiro: UFMBB, 1972, p. 9.

<sup>24</sup> HARRISON, 1987, p. 10.

<sup>25</sup> PEREIRA, 2001, p. 74.

<sup>26</sup> HARRISON, 1987, p. 10.

<sup>27</sup> MATHEWS, 1972, p. 10.

<sup>28</sup> PEREIRA, 2001, p. 74.

<sup>29</sup> MATHEWS, 1972, p. 10.

Dominicais das Igrejas do Texas. Lá os dois se conheceram<sup>30</sup>, pois Bagby foi um dos pregadores deste Congresso. A simpatia foi mútua e Anne logo falou para o jovem acerca da sua vocação missionária. Os dois passaram um logo período se correspondendo através de cartas.<sup>31</sup>

No final de 1878, o pai de Anne, o Dr. John Luther, foi convidado para assumir a direção do Departamento Feminino da Universidade de Baylor, lugar para o qual se mudaram como família. Anne se tornou professora de matemática e deã das moças do colégio. Bagby estudava neste período no Seminário de Louisville, que ficava há cerca de 60 quilômetros da sua cidade. Os estudos no seminário tinham para Bagby o desejo pelo pastorado. Ele inclusive chegou a questionar a sua noiva se de fato deveriam se casar, por terem sonhos e projetos tão diferentes, uma vez que ela queria ser missionária. Em seu questionamento, Bagby disse: “Suas palavras sobre Missões Estrangeiras me fizeram bem mais feliz. Tenha, porém, muito cuidado. Talvez seja plano de Deus que fiquemos separados; e por que não?”<sup>32</sup>

Depois de terminado o curso, Bagby foi ordenado pastor numa igreja de Plantersville, e a sua noiva não pode comparecer à sua ordenação, porém, apesar disso, ela não desistiu de seu noivado, muito menos da sua vocação missionária. Ela continuou insistindo com ele, e em meio à pressão que ela exerceu, entra em cena um General Sulista que a ajuda em seu intento: o General Hawthore.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> RELATO DE ANNE SOBRE O ENCONTRO COM WILLIAM – “Estava na igreja, quando notei, logo na primeira reunião, um moço muito simpático, cujo olhar cruzou o meu. Após o encerramento dos trabalhos tive o prazer de ser-lhe apresentada. A mim, a convenção pareceu curta demais e enquanto nos preparávamos para o nosso retorno, queixei-me às companheiras o quanto lamentava não ter tido oportunidade de conhecer melhor um certo pregador. E eis que, para surpresa nossa, um bilhete me chega às mãos, solicitando um encontro imediato [...]. O moço, cujo nome era William Bagby [...] sabia muito bem como conduzir uma conversa. Colocou sua cadeira em frente à minha e, fitando-me com olhar penetrante, pôs-me tão à vontade, que abri meu coração como nunca fizera antes. Suponho que dominei a conversa, pois falei-lhe do meu desejo, ou melhor, da minha determinação em ser missionária em um país estrangeiro, possivelmente na Birmânia. Contei-lhe que gostava muito de poesias e que já havia escrito algumas. Dei-lhe um exemplar do Central Baptist, o jornal que meu pai dirigia no Estado de Missouri e que publicara uma de minhas poesias. In.: HARRISON, 1987, p. 10-11.

<sup>31</sup> PEREIRA, 2001, p. 74.

<sup>32</sup> MATHEWS, 1972, p. 11.

<sup>33</sup> PEREIRA, 2001, p. 75.



#### 1.4 O ENCONTRO DEFINITIVO COM O GENERAL HAWTHORE <sup>34</sup>

O General Hawthore foi o grande incentivador de missões americana batistas para o Brasil. Em seu anseio por encontrar pessoas que se dispusessem ao campo, ficou sabendo da vocação missionária de Anne Luther. O General a procura e ela ouve Hawthore apresentar o Brasil como possibilidade de campo missionário de forma tão profunda e empolgante, que aceita o desafio prontamente. Ela então fala de seu noivado com Bagby, indicando que o seu noivo precisaria ser ouvido também. Hawthore se prontifica a visitar Bagby para convencê-lo a ir ao Brasil.<sup>35</sup>

E foi o que ele fez. “Depois de formado, William Bagby passou a dirigir uma escola e a pastorear uma pequena igreja batista no Texas. Certo dia, Bagby recebeu o seguinte recado: Faça-me o favor de dizer ao irmão Bagby que o General A. T. Hawthorne, do Brasil, precisa falar com ele.”<sup>36</sup> Bagby já conhecia de nome o General A. T. Hawthorne. Atendendo à sua solicitação, foi ao encontro dele. O General Hawthore, em sua conversa, convidou o pastor William Buck Bagby para ser missionário no Brasil.<sup>37</sup>

<sup>34</sup> ALEXANDRE TRAVIS HAWTHORNE, um ex-combatente do Exército dos Confederados, visitou o Brasil com o objetivo de fundar uma colônia de norte-americanos. Com esta intenção, recebe do Imperador Dom Pedro II autorização para conhecer o País. Em suas viagens, percebeu a carência do povo brasileiro. A morte da sua esposa e da sua filha o levaram aos pés de Cristo. Convertido, sentiu-se impelido a trabalhar como missionário, mas já não era mais tão jovem. No mesmo ano da sua conversão, participou da Assembleia da Convenção Batista do Sul, sendo nomeado a participar de uma de suas comissões, que tinha como foco o trabalho missionário no Brasil. Destacou três características positivas do País em termos de recebimento de missionários: 1) administração sábia e justa do governo, com garantia de liberdade e segurança; 2) salubridade, clima ameno e fertilidade do solo; e 3) cortesia e hospitalidade do povo. Ele foi nomeado agente de propaganda da Junta de Missões Estrangeiras do Estado do Texas e mobilizou muitos missionários e envolveu muitos cristãos para investirem no Brasil. Na sua morte, em 1899, já havia quinze missionários batistas no País. Em um de seus discursos, declarou: *A evangelização desse maravilhoso país é obra de vasta magnitude. O império do Brasil é tão grande como os Estados Unidos, e todos os seus territórios, excluindo o Alasca, têm uma população de cerca de dez milhões. Vasta como pareça a obra, é ainda possível realizá-la, e oferece muitas oportunidades e facilidades [...] Segundo nossa opinião não há outro país ao alcance dos trabalhadores missionários que seja mais convidativo ou que ofereça resultados maiores e mais prontos, com igual dispêndio de dinheiro e esforço. São numerosas e facilmente identificáveis as vantagens que esse campo oferece e também as razões que devem estimular nosso coração a abrir nosso bolso a esse serviço.* In.: BARBOSA, Celso Aloísio; AMARAL, Othon Ávila (org.) **Livro de ouro:** epopeia de fé, lutas e vitórias. Rio de Janeiro: JUERP, 2007, p. 22-23. Quando o General Hawthore morreu, em 1899, os seus 15 missionários enviados já haviam batizado 1500 pessoas. In.: LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro:** estudo de eclesiologia e história social. Trad. Linneu de Camargo Schützer. 3.ed. São Paulo: Aste, 2002, p. 86.

<sup>35</sup> MATHEWS, 1972, p. 16.

<sup>36</sup> UFMBB. [199?], p. 3-6.

<sup>37</sup> UFMBB. [199?], p. 3-6.

Neste meio tempo a sua noiva já o havia informado acerca da sua decisão, que era cabal.<sup>38</sup> Com data de 11 de junho de 1880, ela escreveu-lhe uma carta falando de como Deus conduzira Hawthore em sua apresentação do Brasil, gerando nela e na sua família, que a apoiava neste empreendimento, a certeza de que Deus a chamava para este País.<sup>39</sup> Ela estava resolvida, ao ponto de dizer: “Estou disposta a ir sozinha e esperá-lo, como estou pronta a ir com você, isto é, farei conforme você achar melhor.”<sup>40</sup>

O que a sua noiva não conhecia e muito menos o General Hawthore é que desde criança Bagby sonhava com a América do Sul. Seu interesse pela geografia fez com que estudasse sobre o Rio Amazonas e também acerca das condições climáticas do Rio de Janeiro. Também trocava ideias com seu amigo Zachary Clay Taylor, que desejava ir ao Brasil. Percebe-se que o cenário estava montado.<sup>41</sup>

No encontro com Bagby, Hawthore disse as seguintes palavras, esboçando seu desejo de lavar missionários ao Brasil:

Pastor Bagby, há diversas colônias de sulistas dos Estados Unidos que fugiram para o Brasil depois de serem derrotados na Guerra Civil entre o norte e o sul. Eles se têm espalhado através do Amazonas, Bahia e São Paulo, porém obtive do Imperador, Dom Pedro II, uma concessão de um grande terreno no Rio Jequitinhonha, cerca de 75 léguas ao sul da Cidade de Salvador. Ali pretendo estabelecer uma grande colônia e desejo levar comigo um casal de missionários.<sup>42</sup>

A conversa teve ainda outros elementos, mas foi suficiente para a resposta que William escreveu à sua noiva, em 17 de julho de 1880:

Minha mui querida Ana: a sorte está lançada – a decisão feita, tanto quanto está em mim para fazê-la eu estou pronto a seguir para o Brasil logo que a Junta nos queira enviar. Não é mero impulso nem tão pouco um capricho que me levou a decidir, porém sincera e cuidadosa consideração de joelhos e confio que o nosso Pai me esteja guiando. O Dr. Carrol sairá para visitar as igrejas batistas das diversas associações do Texas, a fim de apresentar o

<sup>38</sup> TUCKER, Ruth A. **Até aos confins da terra**. Uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 509.

<sup>39</sup> MATHEWS, 1972, p. 16-17.

<sup>40</sup> PEREIRA, 2001, p. 75.

<sup>41</sup> BARBOSA, 2007, p. 22-23.

<sup>42</sup> HARRISON, 1947, p. 5.

nosso caso e o General Hawthore fará o mesmo no leste do Estado e se conseguir o seu ideal de levantar o nosso sustento por alguns meses e promessas para o futuro, escreverão para o Dr. Tupper, secretário da Junta de Richmond, pedindo que escolha uma comissão de irmãos aqui para nos examinar, para economizar as despesas de viagem de Richmond, e ao mesmo tempo que sejamos nomeados para o Brasil, sem demora.<sup>43</sup>

Havia então a necessidade dos dois se casarem, pois só assim a Junta os enviaria ao campo juntos. Então, no dia 21 de outubro de 1880,<sup>44</sup> aos 25 anos, o jovem pastor William Buck Bagby casou-se com a jovem professora Anne Luther. “Ambos compartilhavam a efervescência religiosa e missionária em que viviam os evangélicos norte-americanos no final do século dezenove.”<sup>45</sup> Em dezembro do mesmo ano, a Junta os convoca ao campo missionário, mas deseja enviá-los para a China, lugar onde os batistas se desenvolviam grandemente. Como os dois permaneceram firmes em sua decisão, a Junta cedeu e os enviou ao campo que Deus colocou em seu coração. Passaram o natal em Richmond, e em 12 de janeiro de 1881 embarcaram em Baltimore, no veleiro Yamoyden, com destino ao Rio de Janeiro.<sup>46</sup>

## 2. A VIVÊNCIA NO CAMPO MISSIONÁRIO

### 2.1 BRASIL – UM CAMPO MISSIONÁRIO DESAFIADOR, MAS COM OPORTUNIDADES!

Antes de se falar da viagem e do estabelecimento no campo missionário, é importante enfatizar alguns aspectos relacionados à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, sediada em Richmond, no estado da Virgínia, que foi fundamental no envio dos missionários batistas ao Brasil. Em 1860, o missionário Thomas Bowen, que trabalhou na África, veio para o Brasil com o propósito de evangelizar os brasileiros. Como falava yorubá, uma língua nativa africana, montou uma escola dominical específica com o objetivo de pregar à população escrava que vivia na Corte. Este fato chamou demais a atenção das autoridades e trouxe implicações para a sua missão, pois os senhores

<sup>43</sup> HARRISON, 1947, p. 6-7.

<sup>44</sup> MATHEWS, 1972, p. 17.

<sup>45</sup> SILVA, 2011, p. 12-13.

<sup>46</sup> PEREIRA, 2001, p. 75.

de escravos temiam o que o missionário falava com os seus serviçais.<sup>47</sup> Por motivos de saúde e também por causa de divergências metodológicas com o Comitê de Richmond, foi chamado de volta aos Estados Unidos.<sup>48</sup> Ele circula a notícia de que o Brasil era um local muito difícil para se estabelecer um campo missionário. Isso atrasou o avanço da obra missionária batista no Brasil.

Não há dúvidas de que a experiência pouco frutífera do missionário Thomas Bowen pesou na decisão do Comitê de Richmond de não querer enviar William e Anne Bagby para o Brasil, e eles só foram enviados por causa da influência do General Hawthore, que em seus relatos destacou a presença de muitos sulistas no Brasil, necessitando de acompanhamento pastoral. Além disso, a conjuntura brasileira era propícia à imigração e à religião protestante era tolerada. A maior parte dos imigrantes localizava-se na Província de São Paulo. Faziam parte do grupo alguns pastores, que se constituíram em verdadeiros agentes da imigração.

Neste tempo já havia em Santa Bárbara D'Oeste<sup>49</sup>, São Paulo, uma pequena igreja formada por colonos norte-americanos. A igreja foi oficializada em 10 de setembro de 1871, mas era limitada em seu escopo: visava atender os imigrantes e por isso seus cultos eram na língua inglesa.<sup>50</sup> Mas isso não significa que não tinha um ideal missionário, pois foi desta igreja que partiu a carta endereçada à Convenção do Batista do Sul que auxiliou na decisão do envio dos missionários Bagby e Taylor ao Brasil.

“A língua seria um grande entrave juntamente com uma cultura e religião diferente das raízes anglo-saxônicas de onde eram originários” os missionários.<sup>51</sup> Não foram só os Bagby que se depararam com esta situação, que desafiou todos os demais que vieram ao Brasil para evangelizar.

O crescente comércio entre o Brasil e os Estados Unidos contribuiu para o estabelecimento dos missionários, bem como facilitou o contato destes com

<sup>47</sup> SOUZA, Sócrates Oliveira de (org.). **Pacto e comunhão**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Departamento de Comunicações da Convenção Batista Brasileira, 2004, p. 48.

<sup>48</sup> SILVA, 2011, p. 12-13.

<sup>49</sup> SANTA BÁRBARA D'OESTE foi escolhida como local para fixação de muitos imigrantes norte-americanos por ter terras próprias para a agricultura e especialmente para a cultura do algodão, cana-de-açúcar e cereais. Possui diversos mananciais, além de ser regada pelo Rio Piracicaba e seus afluentes. In.: OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco**. Rio de Janeiro: Autora, 1985, p. 14-15.

<sup>50</sup> MACHADO, José Nemésio. **A contribuição batista para a educação brasileira**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 42.

<sup>51</sup> SILVA, 2011, p. 12-13.

a sua terra natal. Também merece destaque o trabalho dos colportores que antecederam os missionários. Os primeiros foram Daniel Kidder, missionário metodista, e James Fletcher, missionário presbiteriano. Estes divulgaram a Bíblia e a doutrina evangélica, abrindo espaço para os missionários que viriam após eles.<sup>52</sup>

## 2.2 A VIAGEM E O ESTABELECIMENTO NO BRASIL

A viagem para o Brasil foi em meio à lua de mel do casal. Ao longo de sete semanas estiveram a bordo do navio Yamoyden com destino ao Rio de Janeiro.<sup>53</sup> A viagem se inicia no primeiro dia de janeiro de 1881, com a ida ao porto, sendo que o embarque ocorreu apenas no dia 12, chegando ao seu destino somente em março.<sup>54</sup> O navio de carga no qual embarcaram, pertencia a uma família batista norte-americana, que fazia o rico comércio do café brasileiro. A passagem de embarque num navio de carga era bem mais em conta do que as passagens em navios de transporte de passageiros, custando cerca de cinquenta dólares para cada um deles, vinte e cinco a menos do que nos navios convencionais. Eles poderiam até mesmo ter viajado de graça, tendo em vista a autorização do período oferecida por Dom Pedro II aos missionários estrangeiros. Mas o casal preferiu não confundir as coisas e nem mesmo se associar aos poderes políticos.<sup>55</sup>

Os registros feitos pela esposa de William em seu diário descreveram os desafios enfrentados pelo casal em sua longa viagem: 12 de janeiro, o embarque, mas o navio permanece parado até o dia 17 por falta de ventos; 18 de janeiro, o dia é marcado pelos enjoos<sup>56</sup> do casal; 22 de janeiro, uma tempestade assusta os tripulantes; 26 de janeiro, Anne finalmente tem acesso à sua bagagem; 27 de janeiro, Anne cai no navio e se machuca um pouco; 4 de fevereiro, destaque aos peixes que saltam para dentro do navio; 6 de fevereiro, dia de leituras do livro “Peregrino”; 26 de fevereiro, na descrição comentam que a viagem parece interminável.<sup>57</sup>

<sup>52</sup> SILVA, 2011, p. 12-13.

<sup>53</sup> TUCKER, 1986, p. 509.

<sup>54</sup> HARRISON, 1947, p. 7.

<sup>55</sup> MATHEWS, 1972, p. 18.

<sup>56</sup> A GRAVIDEZ DE ANNE foi inicialmente encoberta pelo balançar do navio. O casal passou muito mal na viagem, mas a esposa sentiu os enjoos não apenas pelo balançar do navio, mas porque aguardava a vinda da primeira filha do casal. In.: HARRISON, 1947, p. 12.

<sup>57</sup> MATHEWS, 1972, p. 18-23.

Mesmo em meio aos maiores desafios, a sua confiança em Deus jamais foi abalada. Num dos registros, inspirados num poema recitado pelo capitão, Anne demonstra esta convicção: “Guia, Cristo, minha nau. Esta tem sido minha oração desde que embarcamos. Deus, segura o vento em sua mão. Sem dúvida, ele nos protegerá e nos fará submissos a qualquer eventualidade”.<sup>58</sup>

A principal literatura lida por Bagby durante a viagem era um livro de Victor Hugo, intitulado “Miseráveis”, no qual fazia a sua pesquisa de campo, buscando compreender mais sobre o catolicismo em solo brasileiro. Ele estava interessado nos aspectos espirituais, mas não negligenciava toda a bagagem cultural e social que precisava armazenar e conhecer.<sup>59</sup> Bagby também demonstra saudades da sua casa e redigiu diversas cartas, em algumas delas mostrando seu apreço pela esposa e consideração por sua família.<sup>60</sup>

Depois de quase cinquenta<sup>61</sup> dias de uma extenuante viagem marítima de Baltimore à Baía de Guanabara, em 02 de março de 1881, o casal de missionários batistas chegou ao Rio de Janeiro.<sup>62</sup> Sua primeira impressão com o cenário de seu campo missionário os deixou maravilhados. Bagby comparou o Pão de Açúcar “a um gigante que dorme. Enlevado e agradecido a Deus, rogou aos céus que a verdade como se acha em Jesus, encha esta terra de norte ao sul e do Atlântico aos Andes”.<sup>63</sup>

Esta expressão do “Gigante que Dorme” foi tema de obras sobre a família missionária. Bagby disse à sua esposa: “Ana, para mim, o Brasil é um gigante. É gigantesco em território, em minerais, em produção de café e de açúcar, mas é um gigante que dorme espiritualmente, e Deus nos mandou até aqui para

<sup>58</sup> SILVA, 2011, p. 13-20.

<sup>59</sup> SILVA, 2011, p. 13-20.

<sup>60</sup> CARTA DE WILLIAM À SUA MÃE: Anne é muito mais do que eu sonhava, de tudo que é devoção e carinho. Deus certamente me abençoou em me dar tal companheira. Quando voltarmos ao Estados Unidos, daqui a alguns anos, vocês a conhecerão melhor a mão de amá-la até mais que agora. Com que ânsia esperarei o momento de vê-los novamente! Só quero saber se vocês estão bem e gozando saúde. Sinto muitas vezes as ocasiões quando não me dediquei a vocês ou fui descuidado ou queixoso ou menos amável, e lhes causei dor ou preocupação. Quisera que Deus me permitisse voltar atrás e apagar todas as tristezas que minhas palavras ou meus atos lhes tenham causado e dar-lhes, pelo contrário, a alegria. In.: HARRISON, 1947, p. 14.

<sup>61</sup> OS DIAS DA VIAGEM não ficam muito claros nos registros. Há fontes que falam de 48 dias e outras que falam de 45 dias. In.: VARETTO, João C. **Heróis e mártires da obra missionária**: desde os apóstolos até os dias atuais. Trad. Almir S. Gonçalves. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, [1952?], p. 234.

<sup>62</sup> A CHEGADA DOS BAGBY aparece com registros diferentes, dependendo da obra consultada. Em algumas obras menciona-se o dia 1º de março como o dia da sua chegada. In.: MACHADO, 1994, p. 73.

<sup>63</sup> SILVA, 2011, p. 13-20.

ajudarmos a despertá-lo do sono!”<sup>64</sup>

Os primeiros passos do casal em território brasileiro foram marcados pela ação de Deus comprovando que estavam no lugar certo, na hora certa, de acordo com os Seus planos. Nos Estados Unidos, um missionário metodista de nome J. J. Ranson<sup>65</sup> ficou sabendo que Bagby foi nomeado como missionário batista ao Brasil através da leitura de uma notícia no jornal disponível no hotel em que se hospedava.<sup>66</sup> Ranson estava preparando uma carta ao seu sogro, que era também missionário e estava atuando no Brasil, mais especificamente na cidade de Santa Bárbara, no Estado de São Paulo, lugar onde havia vários imigrantes norte-americanos batistas, que foram membros de igrejas da Convenção do Sul, e decidiu anexar à carta o recorte do jornal que anunciava a vinda de um missionário batista.<sup>67</sup>

Quem recebeu a carta e abriu a correspondência foi o cunhado do missionário Ranson, que imediatamente levou o recorte do jornal a uma senhora batista de nome Mary Ellis.<sup>68</sup> Esta notícia trouxe muita alegria para esta senhora, que ainda mantinha vivas as lembranças dos desafios enfrentados no momento em que se instalou no Brasil e, por isso, decidiu escrever uma carta ao Sr. Slaughter, um sulista que publicava um pequeno jornal de língua inglesa no Rio de Janeiro, imaginando que ele poderia localizar o casal de missionários logo depois que desembarcasse. Na carta, esta senhora oferecia a sua casa para moradia temporária do casal, visando minimizar os efeitos de adaptação.

O dono do jornal não sabia quem era este casal de missionários que viria, mas mesmo assim ficou com a carta em seu bolso. Alguns dias depois, surpreendentemente bem no dia do desembarque do casal no porto, o jornalista passava pela rua do Ouvidor, e decidiu entrar no consultório do dentista Coachman para conversar com seus conterrâneos. Sua chegada ao consultório se deu trinta minutos depois de Bagby entrar no mesmo recinto, recomendado pelo General Hawthore. Slaughter entrou no recinto em busca de informações sobre o casal Bagby, e, para sua surpresa, este missionário estava na sua frente, naquela hora.<sup>69</sup>

<sup>64</sup> UFMBB. [199?], p. 14.

<sup>65</sup> J. J. RANSON ajudou o padre Antônio Teixeira de Albuquerque na sua caminhada de conversão, encaminhando-o para o ingresso na igreja metodista. In.: OLIVEIRA, 1985, p. 125.

<sup>66</sup> TUCKER, 1986, p. 510.

<sup>67</sup> MATHEWS, 1972, p. 23-24.

<sup>68</sup> SILVA, 2011, p. 21

<sup>69</sup> MATHEWS, 1972, p. 23-24.

Por parte do casal de missionários, a chegada ao consultório e o encontro com o jornalista, se deu da seguinte forma:

Como não conheciam nenhum brasileiro, trouxeram uma carta de apresentação do General Hawthorne para um dentista norte-americano, Dr. Coachman, que trabalhava no Rio de Janeiro. A Sra. Bagby ficou no navio e seu marido foi em busca de contatos. Ao chegar ao centro da cidade William Bagby ficou surpreso com a ausência do médico, mas o consultório naquele momento foi visitado por um ex-soldado da Guerra Civil, o qual trazia uma carta da Sra. Mary Ellis endereçada ao Rev. Bagby. Retornando ao navio, Bagby disse à Anne que havia recebido uma carta do céu.<sup>70</sup>

Este encontro foi providencial. Permaneceram quatro dias ainda no Rio de Janeiro, hospedados na casa dos sobrinhos do dentista, que lhes mostraram alguns dos principais lugares da cidade do Rio. Também os auxiliaram a retirada da sua bagagem do porto e na troca dos poucos dólares que haviam trazido dos Estados Unidos. Foram então do Rio até São Paulo, e da capital partiram de trem até Santa Bárbara.<sup>71</sup> Na estação, eram esperados pelos enviados da Sra. Ellis, com dois cavalos e um escravo para carregar a sua bagagem.<sup>72</sup> A estadia na casa da Sra. Ellis foi descrita por Anne em seu diário da seguinte forma: “Estamos muito alegres entre nossos novos amigos. São todos cidadãos do Estado do Alabama, uma das filhas da dona da casa, a Sra. MacIntyre combinou de me ensinar a língua portuguesa em troca de aulas de música.”<sup>73</sup>

Na cidade de Santa Bárbara, moravam vários imigrantes que saíram do Texas em meio à guerra da Secessão, sendo praticamente todos eles do Sul dos Unidos. Não é difícil imaginar que havia entre eles alguns que conheciam a família Bagby, o que colaborou para a ambientação em solo brasileiro. A própria prática da escravidão adotada era característica dos imigrantes norte-americanos sulistas. Além deste traço, permaneciam também os aspectos religiosos tipicamente de protestantismo norte-americano: igrejas com escolas ao lado, valorizando muito a questão da formação das crianças. Bagby registra este fato numa carta dirigida à sua mãe: “Ontem fui à vila e vi o senhor

<sup>70</sup> SILVA, 2011, p. 21.

<sup>71</sup> MATHEWS, 1972, p. 24-25.

<sup>72</sup> SILVA, 2011, p. 22.

<sup>73</sup> MATHEWS, 1972, p. 24-25.



Quillin, o pregador batista encarregado da pequena Igreja de Santa Bárbara. Ele estava no salão escolar, ensinando um grupo variado de crianças”.<sup>74</sup> Tal prática se tornaria comum entre os batistas brasileiros.

Neste início eles estavam felizes em poder participar de uma igreja de imigrantes. Bagby auxiliava no pastoreio e Anne tocava piano nos cultos.

Anne Bagby, na sua primeira visita à Igreja Batista de Santa Bárbara, dissera que não havia estado numa igreja durante nove domingos. No seu diário referiu-se, pelo menos, a “quatro domingos a bordo, quando faziam o culto na cabine do navio.” A guarda do dia do Senhor, como dia especial de adoração tão zelosamente citado por Anne Bagby, seria uma característica fundamental das práticas batistas no Brasil. Concluiu suas notas sobre o domingo e sua santificação nos seguintes termos: “Ah! como sinto falta dos cultos do dia do Senhor na nossa terra!”<sup>75</sup>

Mas a vocação missionária os impelia a buscar mais. Em 16 de abril de 1881, eles se transferiram para o Colégio Presbiteriano de Campinas, onde permaneceram por quinze meses para aprender a língua portuguesa.<sup>76</sup> Neste mesmo colégio Anne, que já era professora nos Estados Unidos, ganhou a oportunidade de lecionar e dirigir o internato feminino, ao ponto de acumular alguns recursos que foram enviados pelo casal à Junta que os sustentava no Brasil. Este período de imersão na língua tornou-se prática comum entre os missionários norte-americanos. Foi neste período no colégio que nasceu a primeira filha do casal: Ermine.<sup>77</sup>

## 2.3 O INÍCIO E A EXPANSÃO DO TRABALHO

O trabalho desenvolvido no Brasil contou com a ajuda de outros, mostrando desde o início a marca da participação e a cooperação.<sup>78</sup> Em Santa Bárbara,

<sup>74</sup> SILVA, 2011, p. 22.

<sup>75</sup> SILVA, 2011, p. 22.

<sup>76</sup> O TEMPO DE PERMANÊNCIA EM CAMPINAS também se mostra diferente, dependendo da fonte consultada. Há registros de que tenha sido por um período de 12 meses apenas. In.: VARETTO, [1952?], p. 234.

<sup>77</sup> MATHEWS, 1972, p. 25-26.

<sup>78</sup> OS DESAFIOS MISSIONÁRIOS DO BRASIL eram conhecidos por Bagby. Em uma de suas cartas ele registra o seguinte: o campo desocupado é em si um vasto império. Os missionários são poucos e estão separados por longas distâncias. Das 24 províncias do Império, somente 4 estão ocupadas, e assim mesmo escassamente. Milhares, milhões nunca ouviram o som do evangelho. Estão, na realidade, “sem Deus e sem esperança no mundo”. In.: HARRISON, 1987, p. 32.

os Bagby tiveram um encontro providencial: lá estava um ex-padre católico, Antônio Teixeira de Albuquerque<sup>79</sup> que foi auxiliar precioso no aprendizado da língua e também nas informações sobre o Brasil.<sup>80</sup>

No dia 13 de fevereiro de 1882, Bagby deslocou-se para o cais do Rio de Janeiro, a fim de esperar o navio *Barke Serene* atracar.<sup>81</sup> Sua espera era pelo casal Zacarias Clay Taylor<sup>82</sup>, um amigo seu de longa data, e sua esposa Katherine Steves Crawford Taylor, chamada de Kate.<sup>83</sup> O novo casal de missionários foi recebido em Campinas no dia 9 de março de 1882 e passou a auxiliar dos Bagby em seu empreendimento.<sup>84</sup> Procurando o melhor lugar para iniciar seus trabalhos como missionários, Bagby e Taylor passar a orar ajoelhados sobre o mapa do Brasil.<sup>85</sup> Foi na cidade de Barbacena, em Minas Gerais, que chegaram à conclusão de que deveriam se deslocar para a Bahia.<sup>86</sup> Bagby e Taylor também fizeram uma longa viagem pelo Brasil a fim de verificar qual seria o melhor lugar para iniciarem os trabalhos, e, após

<sup>79</sup> ANTÔNIO TEIXEIRA DE ALBUQUERQUE nasceu em 15 de abril de 1840, na cidade de Maceió, Alagoas. Era filho único e se formou padre em um Seminário de Olinda. In.: OLIVEIRA, 1985, p. 123. Começou a questionar alguns ritos da Igreja Católica ao ler a Bíblia. Convenceu-se de que a prática era muito diferente dos ensinamentos ministrados e, por isso, deixou a batina. Como expressão da sua conversão declarou: “*procurei Jesus Cristo, único refúgio dos pecadores e Salvador perfeito, todo suficiente e terno, o qual conhecia só de nome, para conhecê-lo de coração. [...] Dia feliz! Quando pude dizer: Jesus é meu e eu sou de Jesus.*” Casou-se com uma amiga da juventude e se filiou a uma igreja metodista que reconheceu o seu batismo de infância. Mas ao estudar mais o Novo Testamento, percebeu que o único batismo válido era o por imersão, mediante a confissão de fé e arrependimento. Soube de um grupo batista em Santa Bárbara, e foi procurar lá o seu batismo. Foi batizado por um pastor, que era também colono, Robert Thomas, se tornando assim, o primeiro brasileiro a ser batizado. Também foi consagrado ao ministério, sendo o primeiro brasileiro a ser consagrado ao ministério batista em solo brasileiro em 20 de junho de 1880. In.: CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.** Trad. Israel Belo de Azevedo. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 370-371.

<sup>80</sup> PEREIRA, José dos Reis. **Breve história dos batistas.** 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 82-83.

<sup>81</sup> UFMBB. [199?], p. 17.

<sup>82</sup> ZACARIAS CLAY TAYLOR nasceu no Estado do Mississippi, filho de um diácono batista. A família tinha posses, mas por causa da Guerra da Secessão foi obrigada a emigrar para o Texas. Aos 18 anos ele se converteu e ao sentir a vocação para o ministério foi estudar inicialmente em Waco, em 1875, e depois em Baylor, em 1876. Foi em Baylor, antes mesmo de Bagby, que Taylor sentiu a vocação de vir para o Brasil. Depois de formado, passou a trabalhar para guardar algum dinheiro, visando ingressar no Seminário de Louisville. Estudou apenas um ano no seminário e, atendendo ao clamor de urgência de Hawthorne, casou-se em 25 de dezembro de 1881, embarcando para o Brasil em 11 de janeiro de 1882. In.: BARBOSA, 2007, p. 24.

<sup>83</sup> BARBOSA, 2007, p. 24.

<sup>84</sup> MATHEWS, 1972, p. 26.

<sup>85</sup> HARRISON, 1947, p. 9.

<sup>86</sup> MATHEWS, 1972, p. 26.

essa viagem, acompanhada de muitas orações, decidiram-se pela cidade do Salvador, a capital da Bahia, a cidade considerada a mais católica do Brasil. Para lá seguiram as três famílias: os Bagby, os Taylor e os Albuquerque, sendo que a mulher do ex-padre por esse tempo ainda não se havia convertido.<sup>87</sup>

### **2.3.1 Surge a primeira igreja batista**

A cidade de Salvador foi escolhida para o início do trabalho missionário batista no Brasil por ser uma cidade grande, com cerca de 250 mil habitantes na época, e que não tinha nenhum trabalho protestante significativo, tendo apenas dois missionários presbiterianos em início de trabalho também.<sup>88</sup> Ao mesmo tempo era uma cidade extremamente religiosa. O principal arcebispo do Brasil atendia a igreja de Salvador.<sup>89</sup>

Então, em 31 de agosto de 1882, os três casais chegaram ao campo missionário. Contando com os filhos, eram doze pessoas ao todo. Após três meses na cidade, o grupo alugou uma sala espaçosa, na qual cabiam cerca de 200 pessoas sentadas.<sup>90</sup>

Em 15 de outubro de 1882, com apenas cinco membros fundadores, que solicitaram as suas cartas da Igreja Batista de Santa Bárbara e da Igreja Batista de Estação (congregação da primeira), foi organizada a Primeira Igreja Batista da Bahia e primeira igreja batista brasileira, no sentido de ser uma igreja voltada aos brasileiros.<sup>91</sup>

De início as pessoas que participavam dos cultos eram de origem africana, uma vez que Salvador era o principal ponto do comércio de escravos. Aos poucos outras pessoas, de origem europeia ou norte-americana, também passaram a frequentar os cultos.<sup>92</sup>

Os primeiros frutos de seu trabalho ali foram: a conversão de Emília, a empregada do lar; Francisca, a esposa do ex-padre; uma senhora de nome

<sup>87</sup> PEREIRA, 1994, p. 82-83.

<sup>88</sup> CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Quem somos como batistas**, Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com\\_content&view=article&id=19&Itemid=12&showall=1](http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=12&showall=1)>. Acesso em: 06 set. 2017.

<sup>89</sup> SALVADOR foi escolhida também porque era uma área agrícola, e, portanto, não tinha uma população tão nômade como nas áreas de criação de gado. Além disso, tinha ligação com o mar e muitas pessoas habitando nos arredores. In.: HARRISON, 1987, p. 10.

<sup>90</sup> BARBOSA, 2007, p. 30.

<sup>91</sup> FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 231.

<sup>92</sup> HARRISON, 1987, p. 35.

Mary O'Rorke;<sup>93</sup> um homem denominado João Batista, que era latoeiro e se converteu ao ler a Bíblia; e ainda um escravo<sup>94</sup> que foi comprado de seu dono que era contra a religião protestante, mediante o levantamento de recursos entre os membros da igreja, que por sinal, tinham pouco dinheiro.<sup>95</sup>

Ao mesmo tempo em que houve avanços, a perseguição também se fez presente. “Naqueles tempos do Império, a Igreja Católica era unida ao Estado, e muitas vezes as autoridades, atendendo a exigências de padres e frades entendiam de intervir nas atividades dos pregadores do evangelho.”<sup>96</sup> No primeiro incidente, os Bagby e os Taylor foram até a praia para batizar duas senhoras que haviam se convertido. Juntamente com alguns policiais, uma multidão se juntou ao redor dos missionários para os ameaçar e intimidar. O grupo os conduziu até a sua casa e um dos rapazes pegou Bagby pelo colarinho e lhe deu um soco na cara. O policial entrevistou e os deixou entrar em sua casa. No dia seguinte, os missionários voltaram ao lugar para realizar mais cultos, e novamente um grupo se ajuntou ao redor da casa onde estavam e passou a jogar areia molhada e pedras pequenas nas vidraças da casa, ao ponto de quebrar algumas delas. A polícia chegou ao local, e, ao invés de coibir os agressores, passou a defendê-los. O episódio ganhou destaque nos noticiários, e fez com que pessoas se posicionassem a favor dos missionários.<sup>97</sup>

Outro incidente poderia ter resultado em algo muito mais grave. Bagby estava realizando o culto, quando um grupo de pessoas cercou a residência e passou a vaiá-lo. Além das vaias o grupo novamente jogou areia e pequenas pedras na direção em que estava Bagby. A única lâmpada que iluminava o local foi apagada e uma menina foi atingida por uma pedra. Até que conseguiram reestabelecer a luminosidade do local e ajudar a menina demorou um certo tempo. Com a situação normalizada, Bagby passou ao sermão, que foi o mais curto de sua vida, pois foi atingido por uma pedrada que o deixou inconsciente. Demorou um bom tempo para se recompor, mas os seus ouvintes continuavam no local e naquela noite dez pessoas se converteram.<sup>98</sup>

<sup>93</sup> MATHEWS, 1972, p. 27.

<sup>94</sup> O ESCRAVO que estava participando dos cultos foi proibido de estar nos mesmos, sob pena de ser morto pelo seu senhor, caso voltasse a assistir um culto protestante. In.: VARETTO, [1952?], p. 235.

<sup>95</sup> HARRISON, 1947, p. 10.

<sup>96</sup> PEREIRA, 1994, p. 83.

<sup>97</sup> HARRISON, 1947, p. 10-11.

<sup>98</sup> PEREIRA, 1994, p. 83.

Taylor não estava no local, mas ao saber do ocorrido foi ver seu companheiro de trabalho e exclamou: “Bagby, aquela ferida é a coisa mais horrível que já vi. Como desejava estar ali também. Preferia ter uma ferida adquirida como você obteve esta, a usar a coroa de qualquer rei da Europa.”<sup>99</sup>

Os trabalhos avançaram consideravelmente. Em 1883, a igreja já tinha 25 membros e a Escola Bíblica Dominical contava com 35 alunos matriculados. Todos que frequentavam a igreja estavam ativos nos trabalhos realizados por ela.<sup>100</sup>

### **2.3.2 Surge a segunda igreja batista**

Vendo as demandas do País, que em 1884 tinha uma população de 25 milhões de habitantes,<sup>101</sup> o casal Bagby se separa dos Taylor e se desloca ao Rio de Janeiro para fundar lá mais uma igreja batista.<sup>102</sup> A chegada do Rio foi no dia 24 de julho de 1884. Exatamente um mês depois da chegada é fundada a segunda igreja batista brasileira, com quatro membros fundadores, todos eles estrangeiros: uma senhora inglesa, denominada Elizabeth Williams que abriu a sua casa para os missionários e que era batista, membro do Tabernáculo Batista de Londres, a famosa Igreja de Spurgeon; uma irlandesa de nome Mary O’Rorke, e o casal norte-americano. Mas todos queriam alcançar os brasileiros.<sup>103</sup>

Os desafios no Rio também foram constantes. Em 1886, Bagby quase morreu de febre amarela. O alento veio temporariamente com um período de férias na sua terra natal, acompanhados dos seus três filhos: Ermine, Taylor e Luther. Mas, durante as férias, a família perdeu seu filho caçula, que tinha apenas 3 meses de vida. O episódio fez com que ficassem 15 meses nos Estados Unidos.<sup>104</sup>

O retorno ao Brasil trouxe novas oportunidades, como também novos desafios. Em meio a Proclamação da República, o novo Secretário do Interior, o Dr. Barbosa Lima visitou o missionário Bagby para saber acerca da Constituição Norte-Americana, demonstrando apreço pelo missionário e

<sup>99</sup> HARRISON, 1947, p. 12.

<sup>100</sup> MATHEWS, 1972, p. 27.

<sup>101</sup> UFMBB, [199?], p. 21.

<sup>102</sup> HARRISON, 1947, p. 12.

<sup>103</sup> PEREIRA, 1994, p. 83.

<sup>104</sup> MATHEWS, 1972, p. 28.

suas ideias democráticas.<sup>105</sup> “Na capital imperial, o casal Bagby viu de perto a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Com suas ideias democráticas, os missionários influenciaram, mesmo que indiretamente, o destino deste país.”<sup>106</sup>

Mas os trabalhos não frutificavam da mesma forma como o havia acontecido na Bahia. Embora tivesse este desafio, houve a conversão de um jovem que contribuiu muito para o trabalho batista, sendo grande fonte de auxílio para o missionário Bagby. Atraído pela música dos hinos, um jovem de nome Francisco Fulgêncio Soren<sup>107</sup> sentou-se à porta da igreja. Em poucas semanas seu interesse cresceu tanto que passou a ser um frequentador assíduo dos cultos, nos quais se converteu e se tornou um evangelizador de seus amigos. Trouxe à igreja Tomaz Costa<sup>108</sup> e Teodoro Teixeira<sup>109</sup>. Sobre a importância da conversão destes três, um missionário escreveu: “Se William Bagby não tivesse feito outra coisa na sua longa vida de serviço no Brasil, além de ganhar estes três homens para seu Mestre, a sua vida teria sido coroada de completo êxito.”<sup>110</sup>

Soren demonstrou desde cedo ser um grande evangelista e pregador. Por isso, os missionários promoveram um meio de fazer com que fosse aos Estados Unidos para estudar, passando alguns anos lá, para depois retornar ao Brasil em 1900, assumindo o pastorado da igreja onde ele se converteu, isso em 1902, oportunizando a saída de férias tranquila da família Bagby, exercendo

<sup>105</sup> HARRISON, 1947, p. 14.

<sup>106</sup> UFMBB. [199?], p. 23.

<sup>107</sup> FRANCISCO FULGÊNCIO SOREN, um jovem convertido no Rio. Ele revelou logo qualidades para a pregação. Assim, não havendo possibilidade de preparar-se devidamente no Brasil, os missionários o enviaram aos Estados Unidos. Lá estudou durante oito anos e voltou em condições de assumir o pastorado da Primeira Igreja do Rio e de exercer no Brasil uma liderança entre os batistas que durou mais de trinta anos. In.: PEREIRA, 1994, p. 85.

<sup>108</sup> TOMAZ COSTA, português de nascimento, que se tornou, no Brasil, além de grande cooperador de igrejas em vários lugares, um dos propulsores da obra de Missões Estrangeiras. In.: PEREIRA, 1994, p. 85-86

<sup>109</sup> TEODORO TEIXEIRA, filho de portugueses, nascido na Espanha e vindo muito jovem para o Brasil. Era uma pena bem dotada e durante mais de quarenta anos serviu primeiro como auxiliar, depois como redator e, finalmente, como redator-chefe de O JORNAL BATISTA. Estava a seu cargo uma seção, *Perguntas e Respostas*, por meio da qual milhares de batistas brasileiros foram fielmente doutrinados. Esses dois, Tomaz Costa e Teodoro Teixeira, representam bem os chamados leigos que tanta importância tiveram no progresso batista brasileiro. Um dos segredos do crescimento batista no Brasil está no trabalho destes. Tomaz e Teodoro não eram pregadores. Mas como diáconos e professores de Escola Bíblica Dominical e no exercício de outras funções nas igrejas a que pertenceram e, sobretudo, pelo testemunho sempre presente foram grandes líderes e propulsores do trabalho. In.: PEREIRA, 1994, p. 85-86.

<sup>110</sup> HARRISON, 1947, p. 14.

nesta igreja um ministério ininterrupto de 31 anos.<sup>111</sup>

Foi no Rio também que nasceu o outro filho homem do casal, sendo um alívio para as dores que sentiam pela perda de Luther. Willson Jaudon nasceu em 8 de fevereiro de 1888. Dois anos mais tarde a família teve mais um bebê, John Zolli nascido em 10 de julho de 1990, que faleceu cerca de um ano depois, devido à febre alta e bronquite.<sup>112</sup>

### **2.3.3 O Colégio Batista**

Ao retornar das férias nos EUA, Bagby volta seus pensamentos para a cidade de São Paulo novamente, onde todo trabalho havia iniciado.<sup>113</sup> A igreja do Rio estava organizada, tinha um pastor à frente do trabalho, o que indicava que era hora de partir. O casal havia feito vários amigos em Santa Bárbara no período em que pastorearam aquela igreja, logo ao chegar ao Brasil.

Chegando a São Paulo, Bagby passou inicialmente a cuidar de algumas igrejas brasileiras, auxiliando as mesmas em seus trabalhos. Mas a sua esposa se queixava<sup>114</sup> em não se sentir útil no serviço. Ela dizia constantemente ao seu marido: “William, quero também ganhar almas, quero ver o milagre de conversões, pois tenho tido tão pouca parte ativa no trabalho desde o nascimento das crianças. Estou faminta por serviço direto.”<sup>115</sup>

Este apelo fez com que Bagby se lembrasse de uma casa que era de uma missionária presbiteriana, de nome Mary McIntyre, que estava à venda, e na qual já funcionava uma escola.<sup>116</sup> Anne já havia cogitado a possibilidade de se envolver com educação, pois era educadora e tinha um carinho muito especial por esta profissão<sup>117</sup> e, diante desta necessidade de envolvimento maior dela, o casal decide comprar a casa, pagando a mesma em várias prestações com o dinheiro que eles recebiam para pagar o aluguel da sua moradia como missionários. Passaram a morar na escola e o dinheiro foi usado na compra desta casa, não sendo necessário um investimento extra da junta. O valor da

<sup>111</sup> MATHEWS, 1972, p. 29.

<sup>112</sup> HARRISON, 1987, p. 49.

<sup>113</sup> MATHEWS, 1972, p. 29.

<sup>114</sup> DESABAFO DE ANNE: “Os homens têm sido ricamente abençoados em seu ministério, alcançando o povo através do púlpito. Uma escola, ofereceria possibilidades idênticas, senão superiores, devido à extensão da influência que poderia exercer. In.: MATHEWS, 1972, p. 30.

<sup>115</sup> HARRISON, 1947, p. 17.

<sup>116</sup> HARRISON, 1987, p. 65.

<sup>117</sup> MATHEWS, 1972, p. 29.

compra foi de três mil dólares.<sup>118</sup>

Anne e a filha Ermine, já diplomada pela Universidade de Baylor, tornaram-se as professoras desta pequena escola, que atendia alunos dos cinco anos do primário. Foram também auxiliadas por outras professoras voluntárias que elas despertaram e treinaram para o trabalho. As atividades da escola iniciaram no dia 13 de janeiro de 1902, com 70 alunos matriculados.<sup>119</sup> Mais tarde o colégio também passou a ter um internato feminino, dirigido por Anne e sua filha.<sup>120</sup>

As famílias de classe alta exigiam da escola o transporte de seus filhos. Como o casal de missionários tocava a escola com poucos recursos, passaram a orar a Deus para que Ele os concedesse um meio de transporte. Deus atendeu seu pedido e em pouco tempo 40 alunos eram conduzidos numa carruagem puxada por duas mulas até a escola.

Bagby havia se proposto a começar cada aula com a leitura de um trecho das Escrituras Sagradas. Mesmo se a leitura incomodasse os pais dos alunos, e implicasse na retirada dos mesmos da escola, ainda assim o missionário não abria mão de seu princípio.<sup>121</sup> O casal Bagby havia feito um voto a Deus: que cada dia, em cada turma, haveria uma aula sobre a Bíblia. Assim, cada aluno matriculado no Colégio Progresso Brasileiro (o primeiro nome da escola) ouviria a verdade da Palavra de Deus.<sup>122</sup>

A situação financeira da escola não era estável. Depois de acumular dívidas por alguns anos, Bagby vai aos Estados Unidos levantar recursos para a escola e Anne e seus filhos sacrificam seu período de férias para economizarem o dinheiro e saldarem todas as dívidas.<sup>123</sup>

Graças aos esforços do casal foi organizado o que hoje é conhecido como Colégio Batista Brasileiro, que em 1910 passou à administração da Junta, tendo sua sede transferida para o bairro Perdizes.<sup>124</sup>

Junto com a alegria do desenvolvimento do colégio, o casal de missionários experimentou uma dura perda. Os membros da igreja e pessoas ligadas a escola haviam decidido comemorar o nonagésimo aniversário da independência do

<sup>118</sup> MACHADO, 1994, p. 73.

<sup>119</sup> TUCKER, 1986, p. 511.

<sup>120</sup> MATHEWS, 1972, p. 30.

<sup>121</sup> MACHADO, 1994, p. 75.

<sup>122</sup> UFMBB. [199?], p. 26.

<sup>123</sup> HARRISON, 1947, p. 18-19.

<sup>124</sup> TUCKER, 1986, p. 511.



Brasil com um piquenique na praia. O filho de Bagby, de nome Willson, com outros três rapazes entraram no mar de barco e momentos depois gritaram por socorro. Quando perceberam a situação de perigo, chamaram os marinheiros que trouxeram dois rapazes inconscientes, mas com vida. Demoraram um bom tempo para localizar ou outros dois que haviam se afogado, vindo a óbito. Willson era um destes jovens que morreu. Ele sabia nadar muito bem, mas ao tentar regatar o amigo que não era cristão e que era seu alvo evangelístico, em meio ao desespero dele, foi agarrado e estrangulado por ele.<sup>125</sup>

Neste mesmo período o casal teve outra dura perda. Apenas sete anos após o afogamento de seu filho, Olavo, um dos filhos do casal de missionários, que estudava medicina nos Estados Unidos, desapareceu no ano de sua formatura, mais precisamente no dia 19 de fevereiro de 1919. A família nunca mais teve notícias dele.<sup>126</sup>

### **2.3.4 A Igreja Batista da Lapa**

Num bairro populoso de São Paulo, chamado Lapa, o missionário e sua família iniciaram um trabalho com crianças, oferecendo Escola Bíblica para elas, que aumentou ao ponto de trazer os adultos para os cultos nas tardes de domingo.<sup>127</sup>

As pessoas lá não tinham muitos recursos e se reuniam para ouvir a Palavra de Deus na rua mesmo. Esta situação fez o casal orar a Deus, pedindo por recursos para comprar um terreno e construir uma igreja.

Em um Natal, o casal recebeu uma correspondência de uma senhora que havia viajado com eles, no mesmo navio, em um de seus períodos de férias. Além do cartão de natal, aquela senhora enviou aos missionários um cheque de dois mil dólares, que foi usado para a compra do terreno na Lapa. Mais tarde, esta mesma senhora, de nome Miss Prat, enviou outro cheque no valor de dois mil e quinhentos dólares. Este valor total pagou o terreno no qual se construiu a capela.<sup>128</sup> A Primeira Igreja Batista da Lapa foi a quarta igreja Batista a ser implantada na Capital de São Paulo. Sua primeira sessão regular ocorreu aos cinco dias do mês de outubro de 1924; nessa ocasião, foi eleito o

<sup>125</sup> MATHEWS, 1972, p. 30-31.

<sup>126</sup> HARRISON, 1987, p. 69.

<sup>127</sup> MATHEWS, 1972, p. 31.

<sup>128</sup> HARRISON, 1947, p. 19-20

primeiro pastor: o missionário William Buck Bagby.<sup>129</sup>

### 2.3.5 O trabalho no Chile

Já 26 anos no Brasil, empregando todos os meios ao seu alcance, sentiu que o gigante começava a se espreguiçar. Tinha lutado por uma imprensa evangélica e viu o estabelecimento da Casa Publicadora Batista no Rio de Janeiro; tinha usado a voz na pregação das Boas Novas da Salvação e viu a organização de centenas de igrejas; combatia as tréguas do analfabetismo e viu a fundação de diversos colégios batistas com seus corpos docentes compostos de crentes; viajava constantemente confortando e exortando e viu metade dos Estados do Brasil sendo evangelizados; amava todas as almas perdidas ao ponto de ceder a sua filha mais velha para ser pioneira na Argentina; e agora ele mesmo vai ao Chile como representante dos batistas brasileiros.<sup>130</sup>

Através de uma carta, Bagby recebeu o convite de se deslocar ao Chile para auxiliar nos trabalhos desenvolvidos neste País. Um pregador escocês de nome W. D. T. McDonald escreveu ao missionário no Brasil, solicitando ajuda. A carta chegou um pouco antes da primeira Convenção Batista Brasileira Nacional, e foi lida na Convenção, mobilizando as pessoas a doarem recursos para que Bagby se deslocasse o Chile.<sup>131</sup> A carta dizia o seguinte:

Meu querido irmão Bagby, estou-lhe escrevendo para apelar, através do Senhor, aos batistas brasileiros ou batistas norte-americanos, para virem aqui começar trabalho através dos Andes. Temos alguns batistas espalhados pelo Chile do Sul, não temos uma missão organizada, e sozinhos não podemos evangelizar o país. Nós imploramos auxílio e suplicamos que os batistas brasileiros mandem um missionário através da cordilheira.<sup>132</sup>

Bagby foi ao País para pregar e visitar os crentes que lá estavam. A viagem de trem foi desafiadora para o missionário, que sofreu muito com náuseas. Também teve um incidente com seus dentes postiços e por isso ficou os

<sup>129</sup> PRIMEIRA IGREJA BATISTA DA LAPA. **Sobre a 1ªIBL**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://iibl.org.br/sobre/>>. Acesso em: 05 set. 2017.

<sup>130</sup> HARRISON, 1947, p. 21.

<sup>131</sup> HARRISON, 1987, p. 72.

<sup>132</sup> HARRISON, 1987, p. 72.

primeiros quinze dias se alimentando de sopa, até que um dentista consertasse a sua dentadura.<sup>133</sup>

Após um mês, ao retornar ao Brasil, passou pela Argentina para visitar a filha e deu relatório sobre o trabalho no Chile. Diante do exposto, os cristãos argentinos se comprometeram em ajudar a manter os missionários do Chile. Na segunda convenção nacional Bagby também estimulou os brasileiros a ajudarem a manter o trabalho no Chile, pedido que teve amplo apoio. O missionário sempre relatava com um grande sorriso a calorosa recepção do Chile, falando da abundância de beijos recebidos dos irmãos chilenos que levavam ao pé da letra a orientação do apóstolo Paulo de *saudar os santos com um ósculo*.<sup>134</sup>

Esta iniciativa de envio de missionário redundou na organização da Junta de Missões Mundiais, conforme a própria Junta registra:

A Junta de Missões Estrangeiras, seu nome original, surgiu mediante parecer apresentado pelo missionário Willim B. Bagby na sexta sessão, no último dia da Convenção, em 27 de junho de 1907. Foram membros da histórica e altamente qualificada comissão: Salomão Luiz Ginsburg, Eurico Alfredo Nelson, Albert Lafayette Dunstan e Francisco Fulgêncio Soren. Na mesma assembleia dois mensageiros, Eurico Alfredo Nelson e W. H. Cannada, propuseram, com apoio, que a Junta recém-criada enviasse o missionário Bagby ao Chile para conhecer os batistas ali existentes e definir se aquele país deveria ser, ou não, o primeiro campo missionário estrangeiro dos batistas brasileiros; e também que a Junta de Missões Estrangeiras estudasse a possibilidade de abrir um trabalho batista em Portugal.<sup>135</sup>

### **2.3.6 O trabalho em Porto Alegre**

Na fase da vida em que já poderiam usufruir da merecida aposentadoria, Alice, uma das filhas do casal, escreve a seus pais fazendo o seguinte pedido: “Papai, precisamos do senhor e da mamãe para ajudar-nos neste novo campo de três milhões de pessoas, a maior parte das quais nunca ouviu o

<sup>133</sup> HARRISON, 1987, p. 73.

<sup>134</sup> HARRISON, 1947, p. 21-22.

<sup>135</sup> JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS. **História JMM**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://missoesmundiais.com.br/historia-jmm/>>. Acesso em: 06 set 2017.

Evangelho.”<sup>136</sup> Alice falava na carta de Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul, lugar para o qual eles haviam se mudado.<sup>137</sup>

Bagby, aos 72 anos então, deixa São Paulo e se muda para outro Estado. Foi auxiliado a compreender a cultura do local pela sua neta, que lhe explica o hábito do povo deste Estado de tomar o chimarrão: “Vovô, aqui nós tomamos chá de erva (sic) mate em vez de café. Faz-se um chá numa cuia e é chupado por um tubo de metal. Se não se acostumar, vai-se queimar.”<sup>138</sup>

No Estado, o missionário percorreu vários lugares, pregou em várias cidades, auxiliando principalmente a sua filha na estruturação de uma escola que era por ela conduzida. No colégio, o ensino da língua inglesa atraía muitos novos estudantes. O Colégio idealizado por Alice Bagby Smith, filha dos Bagby, fundado em 1926, tem esta profunda ligação com o colégio dirigido pela sua mãe em São Paulo e contou com a presença do casal de missionários a partir de 1926.<sup>139</sup>

Em Porto Alegre, Bagby também ajudaram sua filha e genro na implantação de uma igreja. No dia 15 de novembro de 1927, foi organizada a Igreja Batista do Passo D’Areia, com 27 membros, e denominada Igreja Batista de Gravatahy. Estava à frente da igreja Harley Smith, genro de Bagby, também fundador do Colégio Batista de Porto Alegre. A igreja contou com o auxílio de vários missionários norte-americanos, sendo o primeiro William Buck Bagby.<sup>140</sup>

Hospedado na casa dos Bagby, o Dr. L. R. Scarbrough relatou uma das últimas visões que teve do missionário atuando no campo: “A última coisa que vi o Dr. Bagby fazer no Rio Grande do Sul foi conduzir uma jovem, aluna da escola batista, a confessar publicamente a sua fé no Salvador. Era conquistador de almas há 15 anos quando partiu para o Brasil e é o mesmo hoje.”<sup>141</sup>

E este foi o último trabalho missionário de William Buck Bagby. Ele morreu no dia 05 de agosto de 1939, depois de conviver por 59 anos com a sua esposa, e enfrentar uma enfermidade por um curso período de tempo. Ele sempre esteve envolvido nos trabalhos missionários com Anne. O velório foi na cidade de

<sup>136</sup> HARRISON, 1947, p. 23.

<sup>137</sup> MATHEWS, 1972, p. 32.

<sup>138</sup> HARRISON, 1947, p. 23.

<sup>139</sup> MACHADO, 1994, p. 61.

<sup>140</sup> IGREJA BATISTA PASSO D’AREIA. **Nossa história**, Porto Alegre. Disponível em: < <http://passodareia.com.br/quemsomos/nossa-historia/>>. Acesso em: 06 set. 2017.

<sup>141</sup> HARRISON, 1947, p. 25.

Porto Alegre, onde ele foi sepultado.<sup>142</sup>

Mas o seu legado missionário passou para os seus filhos, a maioria deles continuando a obra de seus pais. Os Bagby tiveram nove filhos. Destes dois morreram ainda bebês e outros dois na sua juventude.

Ermine, a filha mais velha, foi junto com seu esposo pioneira no trabalho dos batistas na Argentina; Taylor Crawford, mais conhecido como pastor Tecê, trabalhou com sua esposa por cerca de 40 anos nos estados de São Paulo e Goiás; Alice Anne Smith iniciou o Colégio Batista em Porto Alegre e auxiliou seu esposo na implantação de uma igreja; Helena Edna casou-se com o um missionário e trabalhou por longo período no seminário em Recife, finalizando a sua trajetória missionária no Colégio fundado por sua irmã em Porto Alegre; Alberto Bagby trabalhou no Colégio Batista em Porto Alegre e dedicou sua vida aos trabalhos missionários no Rio Grande do Sul; teve ainda o filho Samuel Bagby, que por ser mais novo, não teve a sua história relatada nas biografias.<sup>143</sup>

Fica evidente que o chamado de Deus para o Brasil não foi apenas de Anne e muito menos de William; toda a família Bagby recebeu uma vocação especial de Deus para despertar o gigante adormecido. E eles conseguiram!

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O avanço do trabalho batista no Brasil foi significativo. Boa parte das lutas legais em termos de reconhecimento se devem aos batistas e aos presbiterianos. Muitas das leis que se conseguiu aprovar, e que beneficiassem os protestantes, estão ligadas aos trabalhos destas convenções. Percebe-se neste aspecto o quanto os Bagby e todos os seus colaboradores foram importantes, numa dimensão de abrir o País para o protestantismo e seus ideias de liberdade religiosa.

Em termos de expansão, o trabalho batista no Brasil, através de Bagby e seus colaboradores, chegou ao ano de 1888 com 8 diferentes igrejas espalhadas em 6 Estados, com um total de 212 membros. Em 1900, apenas dois anos depois, esta cifra passou para 2.000 membros.<sup>144</sup> No ano de 1930 esta contagem

<sup>142</sup> MATHEWS, 1972, p. 32.

<sup>143</sup> MATHEWS, 1972, p. 33.

<sup>144</sup> CAIRNS, 1995, p. 371.

chegava a 40.000 membros.<sup>145</sup> O trabalho de Bagby foi sólido e envolveu as igrejas plantadas na expansão da obra missionária.

A Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, bem como grande quantidade de cooperadores, foram instrumentos de Deus para que o trabalho se expandisse e muitas pessoas fossem alcançadas. Destaca-se aqui o papel da esposa de Bagby, que em todos os relatos aparece ao lado de seu esposo, sendo apaixonada pelo campo tanto quanto o era seu esposo, como também devem ser destacados os filhos do casal, em sua maioria envolvidos com missões no Brasil.

Do seu trabalho surge a primeira igreja batista brasileira, sediada em Salvador, na Bahia; depois a segunda igreja batista, sediada no Rio de Janeiro; mais tarde o primeiro colégio batista na cidade de São Paulo; uma igreja batista na Lapa e ainda a influência sobre outros trabalhos no Brasil e no exterior, sem contar a influência sobre a criação de alguns órgãos da Convenção Batista Brasileira, com destaque a Junta de Missões Mundiais.

O trabalho dos Bagby é o trabalho de uma vida inteira e de uma família inteira. Tornaram o Brasil seus País e desenvolveram nele seu ministério, o que é inspiração para os missionários da atualidade, colhendo alguns frutos ao longo da jornada, mas deixando um legado que não acabou com a sua partida, pelo contrário, se expande cada vez mais.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Celso Aloísio; AMARAL, Othon Ávila (org.) **Livro de ouro**: epopeia de fé, lutas e vitórias. Rio de Janeiro: JUERP, 2007.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. Trad. Israel Belo de Azevedo. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Quem somos como batistas**, Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com\\_content&view=article&id=19&Itemid=12&showall=1](http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=12&showall=1)>. Acesso em: 06 set. 2017.

<sup>145</sup>VARETTO, [1952?], p. 235.

CRISP, Michael. B. H. Carroll–Remembering His Life Expanding His Legacy. **Southwestern Journal of Theology**, v. 58 n.2, ano 2016.

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história:** das origens aos dias atuais. São Paulo: Vida Nova, 2013.

HARRISON, Helena Bagby. **O gigante que dorme:** biografia de William B. Bagby do Brasil. Série Heróis Cristãos II. Rio de Janeiro: CPB, 1947.

HARRISON, Helen Bagby. **Os bagby do Brasil:** uma contribuição para o estudo dos primórdios batistas em terras brasileiras. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

IGREJA BATISTA PASSO D'AREIA. **Nossa história**, Porto Alegre. Disponível em: < <http://passodareia.com.br/quemsomos/nossa-historia/>>. Acesso em: 06 set. 2017.

JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS. **História JMM**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < <http://missoesmundiais.com.br/historia-jmm/>>. Acesso em: 06 set 2017.

LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro:** estudo de eclesiologia e história social. Trad. Linneu de Camargo Schützer. 3.ed. São Paulo: Aste, 2002.

MACHADO, José Nemésio. **A contribuição batista para a educação brasileira.** Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

MATHEWS, Ruth Ferreira. **Ana Bagby, a pioneira.** Rio de Janeiro: UFMBB, 1972.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco.** Rio de Janeiro: Autora, 1985.

PEREIRA, José dos Reis. **Breve história dos batistas.** 4.ed. Rio de Janeiro:

JUERP, 1994.

PEREIRA, José dos Reis. **História dos batistas no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

PRIMEIRA IGREJA BATISTA DA LAPA. **Sobre a 1ªIBL**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://1ibl.org.br/sobre/>>. Acesso em: 05 set. 2017.

SILVA, Elizete da. **William Buck Bagby: um pioneiro batista nas terras do Cruzeiro do Sul**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (org.). **Pacto e comunhão: documentos batistas**. Rio de Janeiro: Departamento de Comunicações da Convenção Batista Brasileira, 2004.

TUCKER, Ruth A. **Até aos confins da terra**. Uma história biográfica das missões cristãs. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1986.

UFMBB. **O gigante que dorme: biografia de William Buck Bagby**. Série missionária heróis cristãos. Rio de Janeiro: UFMBB, [199?].

VARETTO, João C. **Heróis e mártires da obra missionária: desde os apóstolos até os dias atuais**. Trad. Almir S. Gonçalves. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, [1952?].



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional